

Maíra Freitas em voz e piano na Casa Eva Klabin

PÁGINA 4



Espectáculos infantis: destaque em outubro

PÁGINA 7



Coletivo Pressão de Borda expõe em galeria na Lapa

PÁGINA 14



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Divulgação

# Admirável Pitty nova

Pitty relembra as canções do aclamado 'Admirável Chip Novo'

### A mais popular roqueira do Brasil celebra os 20 anos de seu estrondoso álbum de estreia

**V**inte anos depois de lançar o já clássico "Admirável Chip Novo", Pitty montou um show para comemorar essa data. O álbum foi uma estreia e tanto: um disco de rock de uma cantora e compositora baiana até então desconhecida, lançado por uma gravadora independente, a Deck, e que fez enorme sucesso em todo Brasil. Além da sonoridade, o álbum chama atenção pelos assuntos abordados nas letras

de Pitty e que hoje são até mais atuais do que na época; feminismo, respeito às diversas existências, o excesso do culto à imagem e o controle da mídia, isso antes das redes sociais. Os fãs não só cantam em coro as músicas desse disco como estão sempre comentando sobre a força dessas composições. Justamente por isso Pitty resolveu comemorar esse aniversário de 20 anos revisitando esse álbum, não num movimento saudosista, mas entendendo seu lugar no mundo em 2023. Batizada de ACNXX, a turnê já está rodando o Brasil, com o disco sendo tocado na íntegra. "A ideia é

retomar a experiência sonora, valorizar a música no palco e apresentar o repertório do álbum nos arranjos originais, que naturalmente foram se modificando com o passar dos anos", comenta Pitty. "Teto de Vidro", "Admirável Chip Novo", "Máscara", "Equalize", "Semana que Vem", "Temporal" e todas as outras músicas do "Admirável Chip Novo" estão no repertório do show, assim como os sucessos "Me Adora", "Na Sua Estante" e outras surpresas. Pitty, que também assina a direção do show, será acompanhada por sua banda Martin Mendonça (guitarra), Paulo Kishimoto

(baixo) e Jean Dolabella (bateria). Além dos shows, os vinte anos de Admirável Chip Novo presenteará os fãs com outras surpresas, que em breve serão anunciadas. Aguarde um box especial cheio de novidades.

**SERVIÇO**  
PITTY - 20 ANOS DE ADMIRÁVEL CHIP NOVO  
Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca) 6/10, às 21h30  
Ingressos a partir de R\$ 180

## CORREIO CULTURAL

Divulgação



Fábio Jr promete de show com muitas emoções

## Fábio Jr leva seus maiores sucessos ao Qualistage

Emoção, memória afetiva e disposição para cantar incontáveis sucessos. Essa é a receita para conferir Fábio Jr que se apresenta neste sábado (7), às 21h, no Qualistage.

O cantor preparou uma apresentação com seus maiores sucessos e canções que marcaram sua trajetória. No repertório, "Alma Gê-

mea", "Só Você" e "Caça e Caçador", que garantem todo o toque de romantismo. Também estão no setlist, músicas como "Enrosca" e "Pai". Com mais de 30 trabalhos em sua discografia, Fábio Jr continua sendo um dos artistas de maior prestígio no Brasil. No Spotify, o artista tem mais de 700 mil ouvintes mensais.

### Até sábado

A mostra "Casa da Infância", que reúne telas e desenhos do ator e pintor Chico Diaz, foi prorrogada até o sábado (7). Chico abriu as portas da casa onde viveu com a família, no Jardim Botânico, para mostrar um pouco de seu talento menos conhecido.

### Inclusão

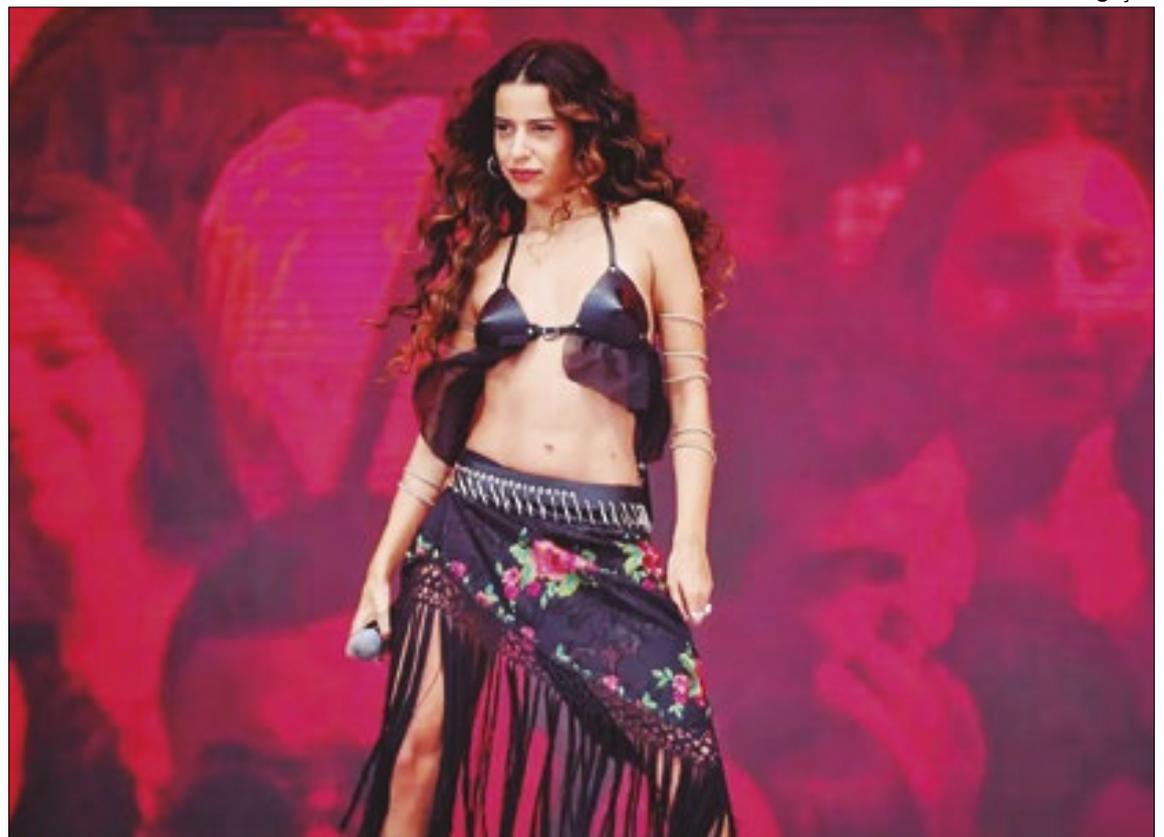
Dez crianças de comunidades do Rio foram aprovadas na pré-seletiva da Escola do Teatro Bolshoi e embarcaram para Joinville (SC), para a próxima etapa da seleção. As provas serão realizadas até domingo e valem vagas com 100% de bolsa.

### Linguagens

Com curadoria de Karen Acioly, o Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens leva até o dia 15 ao Parque Lage e CCBB-Rio programação de arte, teatro, dança e performances para expandir os horizontes das infâncias de todas as idades.

### Mais 'Transa'

Caetano Veloso anunciou nova data em São Paulo do show especial de "Transa", um dos mais celebrados discos da carreira do baiano. A nova apresentação foi marcada para o dia 27 de novembro no Espaço Unimed e os ingressos já estão a venda.



Marina consolida trajetória de sucesso com seu mais novo álbum, 'Vício Inerente'

# Um vício chamado Marina Sena

Sensação do novo pop brasileiro, cantora e compositora mineira se apresenta no Circo Voador

**A** explosão de sensualidade, ginga, carisma e atitude de Marina Sena estão de volta. Agora no seu segundo álbum, "Vício Inerente", desde abril nas plataformas digitais, Marina se apresenta nesta sexta e sábado (6 e 7) no Circo Voador. Os ingressos já estão esgotados.

Produzido por Iuri Rio Branco, o disco consolidar a carreira desta artista que saiu da pequena Taiobeiras, no Norte de Minas Gerais, para conquistar plateias no Brasil e no exterior desde sua estreia com o álbum "De Primei-

ra" (2021).

"Vício Inerente" é pop e tão moderno, que parece até ter sido feito no ano de 2050. Ali tem trap, pagotrap, reggaeton, drill, R&B, rriphop, soul, e a já conhecida influência da MPB que Marina traz em suas composições. Assim como o disco, o show é impactante, forte, elegante. A direção geral, cênica e coreográfica tem assinatura de Fernanda Fiuzza, a direção musical de Iuri Rio Branco e direção criativa de Filipe Lampejo, Vinicius de Souza e Vito Soares.

No repertório do espetáculo "Vício Inerente" estão canções do

novo álbum e algumas que marcaram a era "De Primeira". Quem já assistiu Marina Sena ao vivo sabe da potência que a cantora traz para os palcos e agora ela promete vir ainda mais acachapante.

Desde o lançamento do seu primeiro single em carreira solo, Marina Sena já mostrou a que veio. Depois, seu álbum de estreia teve título profético: "De Primeira". E foi exatamente assim que aconteceu... O Brasil, logo de cara, deitou no sorriso da cantora e compositora já no seu debut no mercado fonográfico. A caneta afiada e o timbre inconfundível se encontraram com a estética perfeita e sensualidade estonteante de Marina Sena. O resultado foi arrebatador. Shows lotados, capas de revistas, premiações, programas de TV e turnês internacionais viraram rotina na vida da artista que desde criança já sabia que seu destino era mesmo ser uma popstar.

### SERVIÇO

#### MARINA SENA - VÍCIO INERENTE

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)  
6 e 7/10, às 22h  
Ingressos esgotados

# O casamento da música com a arquitetura

FIMA chega a Niterói com concerto grátis da Orquestra Sinfônica Jovem de Berlim

**D**epois de homenagear diferentes monumentos arquitetônicos no estado do Rio de Janeiro (1ª edição) e contemplar importantes palácios e museus Brasil afora (2ª edição), o FIMA - Festival Interativo de Música e Arquitetura, em sua terceira edição, se dedica a homenagear os teatros históri-

cos do Brasil, promovendo uma convergência lúdica entre música e arquitetura, em alguns dos mais importantes templos da arte e da cultura brasileira.

Desta vez, os eventos acontecerão, até março de 2024, nos estados do Rio de Janeiro, Amazonas, Paraíba, Pará, Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Norte, oferecendo concertos presenciais



Divulgação

**A Sinfônica Jovem de Berlim é formada por músicos de 15 a 18 anos**

e virtuais, podcast, websérie, conteúdos interativos, aulas magnas e ações educativas para escolas. Com patrocínio do Instituto Cultural Vale, por meio da Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet. Todas as apresentações do FIMA têm entrada gratuita.

A nova temporada – aberta nesta quinta-feira (5) em Manaus, com a Orquestra Amazonas Filarmônica no icônico Teatro Amazonas – chega à Niterói celebrando uma de suas mais belas arquiteturas. No domingo (8), às 17h, os mais de 180 anos do Teatro Municipal de Niterói serão reverenciados com a apresentação de uma geração de jovens músi-

cos, de 15 a 18 anos, que integram a Orquestra Sinfônica Jovem de Berlim, liderada pelo maestro alemão Knut Andreas, tendo ainda a participação de dois musicistas da Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro, com comentários da arquiteta Fernanda Couto Teixeira e do historiador Maurício Vasque. Nos últimos 25 anos, a OSJB estabeleceu intensos contatos internacionais e encontros de jovens de diferentes países e culturas, apresentando-se no Japão, Rússia, Finlândia, Dinamarca, Suécia, Polônia, Albânia, Irlanda, Namíbia, Itália e França.

## SERVIÇO

ORQUESTRA SINFÔNICA JOVEM DE BERLIM  
Theatro Municipal de Niterói  
(Rua Quinze de Novembro, 35 - Centro)  
8/10, às 17h  
Entrada franca, com distribuição de ingressos uma hora antes do evento, limitado a um ingresso por CPF

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES



### Baby in concert

Baby do Brasil estreia seu novo show “Baby do Brasil in Concert” nesta sexta-feira (6), às 21h, no Vivo Rio. São 50 anos de música no palco. No roteiro, canções de Caetano Veloso e dos Novos Baianos do qual a energética fez parte nos anos 1970. Além do megassucesso “Menino do Rio”, Baby apresenta seus grandes hits, como “Telúrica”, “Sem Pecado e Sem Juízo”, “Cós mica”, “Seus olhos”, “Masculino e Feminino”, entre outros.



### Música no Museu

“Madrigal” (José Siqueira/Manoel Bandeira), e “Singela Canção de Maria” (Babi de Oliveira/Mario Faccini) e “Quem Sabe?” (Carlos Gomes/Bittencourt Sampaio) estão entre os clássicos brasileiros que a pianista Regina Lacerda (foto) e o barítono Luiz Bomfim apresentam neste domingo (8), às 13h, no Museu da República pelo projeto Música do Museu. Ao todo, o duo interpreta 14 obras dos séculos XVIII, XIX e XX.



### Noite de Legião

Marcando 27 anos sem Renato Russo, a Mais do mesmo, banda cover da Legião Urbana, se apresenta neste sábado (7), às 19h30, no Teatro Rival. Formada por Pedro Erthal (voz), Márcio Newton (guitarra), Marcelo Paz (bateria), Claudio Fonseca (teclado), Edu Fiorito (baixo) e Carol Lippi (violão), a Mais do Mesmo lembra os clássicos da Legião como “Tempo perdido”, “Pais e filhos”, “Será”, “Geração Coca-Cola” e “Faroeste Caboclo”.



Fotos Divulgação

### Zé canta Farney

Neste sábado (7) tem nova edição do Sessão da Tarde Musical, projeto em que artistas contemporâneos celebram grandes nomes da MPB no palco do Teatro Prudential, na Glória. O cantor Zé Luiz Mazzotti foi o escolhido para representar Dick Farney, dono de um repertório inesquecível e considerado um precursor da Bossa Nova, tornando-se conhecido a partir da década de 1940 com músicas como “Tereza da Praia” e “Alguém como Tu”, entre outras.

# A hora e a vez da **mina do jazz**

Divulgação

Cantora e pianista Maíra Freitas mostra sua obra na Casa Eva Klabin



**Maíra: 'Vou fazer um show com piano e voz onde fico mais livre e solta para improvisar'**

**A** cantora, pianista, compositora e produtora musical Maíra Freitas é a atração deste sábado (7), a partir das 17h, do projeto musical "Pôr do Sol - Série Rio XXI" que semanalmente ocupa os bucólicos jardins da Casa Museu Eva Klabin, na Lagoa. "Estou muito feliz de fazer esse show piano e voz, que é muito especial, com muitas surpresas, onde fico mais livre e mais solta para improvisar e trocar com a plateia", diz Maíra.

Seu estilo mescla a trajetória da artista vinda do estudo do piano clássico e jazzístico assim como suas raízes na cultura do samba. Desde 2011, Maíra vem se destacando em diversos segmentos da música e se

apresentando nas principais casas de shows e capitais do país e no exterior, colaborando com grandes nomes do cenário musical da MPB e com artistas da nova geração. A artista também compõe e produz trilhas sonoras para teatro, TV e cinema.

Seu último álbum "Ayé orun", lançado em maio, foi gravado pela artista com o coletivo feminino

Jazz das minas, grupo formado por Cris Ariel (guitarra, voz e produção musical), Samara Líbano (violão de sete cordas), Paula Pardon (baixo), Monica Ávila (sax, flauta e voz), Sara Leite (trompete), Kátia Preta (trombone e voz), Rapha Morret (percussão) e Flavia Belchior (bateria e voz).

"Em seus discos e performances

ao vivo, Maíra Freitas é magnética. Sua musicalidade se reflete na exuberância explosiva de seu canto, dos seus dedos nas teclas, de seus movimentos de corpo. Mas em sua expressividade de entrega à música há espaço também para a delicadeza. Uma senhora artista seja em projetos coletivos como o Jazz das Minas, seja nos momentos solo",

afirma Leonardo Lichote, curador do projeto.

No repertório do show, a artista interpretará músicas autorais do seu novo álbum como a principal, "Aye Orun", "Mãe Orixá", "Cabeça de Vento", entre outras canções consagradas de artistas como Ivone Lara, Martinho da Vila, Alcione, Gilberto Gil e Elza Soares.

"É o primeiro show piano e voz, depois do lançamento do disco novo "Aye Orun". Na verdade, é um show de estreia desse repertório, nessa versão mais intimista, um repertório que eu toco com as meninas do Jazz das Minas, uma banda grande, de nove mulheres e agora vou poder contar um pouco mais de cada canção", comenta Maíra.

## SERVIÇO

MAÍRA FREITAS

Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa) 7/10, às 17h (abertura dos jardins às 16h)

Ingressos: R\$ 50, R\$ 25 (meia e promocional Instagram)

## CRÍTICA / DISCO / ARMORIANDO

# A cara do povo brasileiro

Por Aquiles Rique Reis\*

Para comemorar o cinquentenário do Movimento Armorial, o Selo Sesc SP lança Armoriando, segundo disco do duo de instrumentistas Ana de Oliveira (violino) e Sérgio Raz (viola de 12 cordas).

Antes de mergulhar no trabalho, recorro ao texto da jornalista e pesquisadora especializada em música Camila Fresca: "Idealizado pelo escritor, poeta e dramaturgo Ariano Suassuna (1927-2014), o Movimento Armorial tinha como objetivo reunir artistas de áreas as mais variadas, como a cerâmica ou a poesia, em torno da construção de uma arte popular-erudita nordestina".

Ainda segundo ela, agora citando o pesquisador e professor Sérgio Barza: "A maior parte das peças era de duração curta, geralmente mo-

dal, e as composições baseavam-se em gêneros nordestinos do interior e do litoral, como baião, aboio, embolada, coco etc."

Assim, imbuídos desse espírito libertário, Ana de Oliveira e Sérgio Raz formaram o duo em 2018. Hoje, o que se ouve por suas mãos é um trabalho alucinante, uma demonstração de riqueza melódica e rítmica de tal eloquência, que é impossível não amar a música profunda, seca, mas viçosa, que tocam.

Seus dedos não temem o futuro, muito menos o presente, pouco afeito a estranhezas harmônicas. Soam uma música que vem da terra que produz riquezas, do ar que traz leveza, do sol que ilumina a vida.



Divulgação

E dando um banho de brasilidade em quem os ouve, sente-se que seus instrumentos moldam nossas almas, e as deles, fazendo-nos mais generosos.

Durante a audição, o fenômeno vem tocando o onírico, eriçando os pelos, relando o arrebatamento. Este, que, por sua vez, brota como

brotam as águas prazenteiras da cacimba, cercada dos espinheiros de mandacaru, encharcando o chão nordestino com a mais sincera musicalidade universal.

A tampa abre com "Lancinante" (<https://youtu.be/AfbzfagGzys?si=dFSSRTK8--ZgG0kv>), de Antônio Madureira, um exemplo da pujança sonora que permeará o repertório. Junto com o violino de Ana e a viola de doze de Sérgio, vibra a percussão de Marcos Suzano.

Composições do próprio Sérgio Raz brilham: "Armoriando" e "Cortejo", a primeira com belo arranjo para o duo (Sérgio fez todos os arranjos do álbum), e a segunda, mais uma vez, tem a per-

cussão de Suzano. Outra preciosidade é "Galope" (<https://youtu.be/AfbzfagGzys?si=dFSSRTK8--ZgG0kv>), de Guerra-Peixe.

Já a suíte "A Pedra do Reino", em versão criada na década de 1990 (importante obra do Movimento Armorial) e adaptada por Sérgio Raz para o duo e um bom quarteto de cordas fecha a tampa.

Dentre tantos poetas, como o paraibano Suassuna e os pernambucanos Hermílo Borba Filho (1917-1976), João Cabral de Melo Neto (1920-1999) e Carlos Pena Filho (1929-1960), e os compositores Capiba (1904-1997) e Luiz Gonzaga (1912-1989), que alumiarão a histórica saga nordestina rumo ao futuro, ousou dizer que eles são responsáveis pela identidade ancestral do povo brasileiro. Formidável assim.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

# PAQUETEIRO MÓVEL

ENTRADA GRATUITA

É CHEGADA A HORA DE EMBARCAR NA  
AVENTURA FASCINANTE DO MUNDO DO CIRCO.

ATENÇÃO, O ESPETÁCULO JÁ VAI COMEÇAR!

SESC BARRA MANSA



## VIKINGS E O REINO SAQUEADO

6 de outubro | 19h

7 de outubro | 12h

Os palhaços Batata Doce e Turino têm a missão de retirar os Duques do poder de seu reino e devolvê-lo para o povo. Para isso, irão se utilizar de suas ferramentas circenses construindo um espetáculo junto ao público.



## CIRCO DE LOS PIÉS

7 de outubro | 10h

A palhaça Asmeline apresenta ao público seus dois pés sem concerto: Pezão e Pezinho. Por meio da atmosfera circense e do realismo fantástico, o espetáculo aborda, de forma lúdica e aprofundada, as temáticas da acessibilidade, inclusão e capacitismo.



## MARIAS DA TERRA, AS PALHAÇAS AGRICULTORAS

7 de outubro | 10h

O espetáculo apresenta quatro palhaças que trazem a essência nordestina, o respeito às tradições do campo e um discurso sobre o direito do povo ancestral aos seus territórios, convidando o público a uma reflexão embebida em gargalhadas.



## ALLEGRO ANDANTE

7 de outubro | 13h

Um espetáculo circense de linguagem popular e cativante que por meio das técnicas de acrobacia de dupla, parada de mãos, malabares, bicicleta acrobática, mágica e comicidade, garante bons momentos para toda a família.



## YO-YO

7 de outubro | 14h

Um personagem excêntrico e sua mala tentarão impedir que a atenção dos espectadores caia até o início do show, fazendo com que o público nunca se esqueça da criança que existe dentro de cada um de nós.



## CARAVANA ZONA LESTE

7 de outubro | 15h

Uma banda ao vivo e um mestre de pista se valem da música e da poesia para um desfile de talentos oriundos da zona leste, mesclando números de malabarismo, música e equilíbrio com uma reflexão sobre a existência humana.



## CUMBIA CALAVERA

7 de outubro | 16h

Grupo latino-americano que se apresenta de forma performática, baseada na iconografia da festa de Los Muertos do México, derrubando fronteiras e aproximando culturas por meio da música.



## AMATEUR

8 de outubro | 14h

Um espetáculo dinâmico que utiliza as técnicas do palhaço, teatro físico, mímica corporal, malabarismo e uma participação constante do público, criando um ambiente familiar, divertido, feliz e estimulante.



## PALHÁGICO

8 de outubro | 15h

O espetáculo envolve a plateia em números de mágica, palhaçaria e malabarismo.

Sujeito à alteração sem aviso prévio.

sesc

Acesse o QR Code  
e confira a  
programação  
completa





# Clássico na Quinta da Boa Vista

*Quinta da Boa Vista receberá um concerto histórico, gratuito, da Orquestra Petrobras Sinfônica*

Por Pedro Sobreiro

**E**m mais um concerto que promete ser espetacular, a Orquestra Petrobras Sinfônica prepara um concerto histórico e completamente gratuito na bucólica Quinta da Boa Vista, antigo lar da Família Real Portuguesa, em São Cristóvão, Zona Norte do Rio de Janeiro, na manhã deste sábado (7).

E a melhor parte é que esse concerto será completamente gratuito. Ele terá início às 11h e contará com um repertório que vai do popular ao erudito, juntando nomes lendários da música clássica nacional e internacional.

Sob a batuta do maestro Isaac Karabtchevsky e contando com

a participação especial da cantora, atriz, compositora e multi-instrumentista Lucy Alves, o repertório conta com obras de compositores como Carlos Gomes, Villa-Lobos, Tchaikovsky, Ravel, Guerra-Peixe, Luiz Gonzaga, Moraes Moreira, Geraldo Vandré e Sivuca.

O evento acontece em comemoração aos 70 anos da principal patrocinadora da Orquestra, a Petrobras, que vem ajudando a manter esse projeto tão importante para a classe artística nacional.

“São 70 anos da nossa Petrobras, que serão festejados amplamente por sua orquestra, a orquestra da cidade do Rio de Janeiro, a Orquestra Petrobras Sinfônica. Graças à Petrobras,

Neste dia 7,  
Orquestra  
Petrobras  
Sinfônica  
apresenta  
concerto em  
comemoração  
aos 70 anos da  
Petrobras

ao apoio incessante que tem nos dado em 36 anos de parceria, é com justo orgulho que apresentaremos um concerto emblemático na Quinta da Boa Vista”, anuncia

o maestro Isaac Karabtchevsky.

“Conto com a presença de todos para presenciar e desfrutar de um programa lindo, com obras de Ravel, Villa-Lobos, Guerra-Peixe e tantos outros, e que conta ainda com a presença inestimável de Lucy Alves para abrilhantar nosso concerto”, convida o maestro Isaac, regente titular e diretor artístico da Orquestra Petrobras Sinfônica.

A convidada da vez, Lucy Alves, já fez muito sucesso com a Orquestra em uma parceria anterior. A cantora de João Pessoa participou da série “Convidados”, em 2018, e fez uma interpretação excepcional da música “Feira de Mangaio”, que viralizou na internet.

E a ideia é repetir o sucesso, já

que a canção é uma das que integra o “setlist” do concerto deste sábado.

“Fiquei muito honrada com o convite. Estar ao lado da Orquestra Petrobras Sinfônica proporciona algo único, que é cantar e tocar ao lado de vários outros instrumentistas, uma grande massa sonora que produz harmonia, melodia e ritmo no tempo. Algo emocionante, poderoso e cheio de brasilidade. Vai ter ‘Xote das meninas’, ‘Festa do interior’, ‘Disparada’, ‘Ai que saudade d’ocê’, e, não como poderia faltar, ‘Feira de Mangaio’”, adianta Lucy Alves que, além de cantar, também vai tocar acordeom e bandolim na segunda parte do concerto, dedicado aos clássicos do cancionário popular.

# Vai, vai, vai começar a brincadeira

SbbVerum  
cusapid et alit  
pa venditiis  
ipsus pere  
landiatecea  
dolupta

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**S**ão três projetos diferentes, envolvendo música (popular e erudita), teatro, dança, imaginação, aventura, com olhos voltados inteiramente para o público infantil neste mês de outubro.

No Theatro Municipal do Rio serão oferecidas oficinas de desenho, visitas brincadas e até uma visita fantasma de Halloween. Outra atração de destaque será o concerto de violinos do grupo Os Pequenos Mozart e convidados. E o Boulevard de Portas Abertas que acontece nas quartas-feiras vai trazer, gratuitamente, a Banda Sinfônica da Guarda Municipal e a Orquestra Infantil da Ação Social Pela Música, ambas com repertório de músicas infantis.

Idealizado por Gustavo Nunes e Rose Dalney, “A Fabulosa Fábrica de Música” é um projeto que apresentará uma série de espetáculos musicais que oferecem ao público uma experiência teatral sobre o poder da música, seus diferentes ritmos e sua importância para a formação da identidade cultural ao longo da história.

“Diário de Pilar na Amazônia”, idealização de Miriam Freeland, é uma adaptação da obra homônima



Divulgação

## Os Pequenos Mozart

Gal Oliveira/Divulgação



## Pilar na Amazônia

da escritora e roteirista Flavia Lins e Silva, autora da série literária Diário de Pilar e criadora da série Detetives do Prédio Azul.

Roberto Bontempo e Miriam Freeland falam, com exclusividade ao Correio da Manhã, sobre os caminhos do teatro infantil que devem ser trilhados. Roberto dirige “A Fabulosa Fábrica de Música” enquanto Miriam é a idealizadora de Pilar e também está em cena. Realizam espetáculos que têm realmente uma preocupação na forma-

ção de platéia, com alto padrão de produção, com conteúdo que “traduz” para as crianças, em forma de arte, conceitos de formação. Mais do que isso, Movimento Carioca, a sua produtora, pensam e quer que as famílias voltem a se encantar com o teatro feito para a infância.

“O teatro feito para a infância é um teatro que precisa ter muita responsabilidade, porque a gente precisa realmente cuidar desse público que é o público futuro, o público de hoje enquanto criança, mas é o público futuro enquanto adulto. Sensibilizar patrocinadores, para que se entenda que o teatro feito para a infância, assim como o cinema feito para a infância, muitas vezes precisa até de mais verba para você poder criar um mundo imagético, querer criar um mundo imagético. Muitas vezes você precisa de mais recursos para isso. E, na realidade, a gente precisa engrandecer, a gente precisa reolhar para esse teatro feito para a infância com responsabilidade”, comenta Miriam.

Bontempo vê o teatro voltado para os miúdos com muita serieda-



Carlos Costa/Divulgação

## A Fabulosa Fábrica de Música

de. “Eu acho que o teatro infantil é um lugar de muita responsabilidade, em primeiro lugar. Eu acho que quem faz teatro infantil tem várias responsabilidades, falamos para um público que tem uma ingenuidade, tem um desconhecimento do mundo ainda muito grande. Qualquer produto de arte que se apresenta para uma criança, está, de alguma forma, influenciando e interferindo na formação dela. É o nosso público de amanhã, o nosso público juvenil e o nosso público adulto. O teatro é uma arte que queremos que seja eterna, longa, que as nossas crianças se tornem jovens que gostem de teatro e que os nossos jovens se tornem adultos que gostem de teatro, temos que fazer espetáculos de muita qualidade para eles”, opina.

### SERVIÇO

**THEATRO MUNICIPAL (PRAÇA FLORIANO S/Nº)**  
6/10 – Antônio dos Pobres (Salão Assyrio)  
7/10 - Oficina de Desenho para Crianças (TMRJ)

7/10 – A Pequena Sereia (Sala Mário Tavares)  
11/10 - Orquestra Infantil da Ação Social Pela Música (gratuito)  
19/10 – Os Pequenos Mozart e Convidados (palco principal)  
21/10 - Visita Brincada (TMRJ)  
28/10 - Visita Fantasma (TMRJ)

### A FABULOSA FÁBRICA DE MÚSICA

Teatro das Artes/ Shopping da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 52)  
Até 29/10, aos sábados (14h e 17h) e domingos (16h). No Dia da Criança (12), sessões extras às 14h e 17h  
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

### PILAR NA AMAZÔNIA

Teatro Clara Nunes / Shopping da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 52)  
Até 26/10, aos sábados e domingos (16h). No Dia da Criança (12), sessões extras às 15h e 17h  
Ingressos entre R\$ 19,80 e R\$ 90

# Nina Simone, presente!!!

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**S**e fosse viva, Nina Simone, ou simplesmente Nina faria 90 anos. Foram 70 anos de pura intensidade, talento, luta, bravura. Sempre à frente de seu tempo. Mesmo nos dias atuais. Eunice Kathleen Waymon, Nina Simone, cantora cujo estilo foi emocional em tudo. Suas músicas, sua vida e, notadamente, uma engajada na luta dos direitos civis. É essa Nina emocional e emocionante que é retratado em “Ninas”, um musical cuja montagem nos

permite ver a força da personagem em uma estrutura dramática de primeira.

Com Cyda Moreno, Anna Paula Black, Fábio D’Lélis, Roberta Ribeiro, Tati Christine, Kathlen Lima (piano) e Regina Café (percussão), atrizes dividem a experiência de viver no palco a experiência de viver no palco a pianista, cantora, compositora e arranjadora. A pesquisa e dramaturgia de Joaquim Vicente tem um apuro impressionante. Além da assertividade em todos os fatos, datas, locais absolutamente corretas, a opção em mostrar os episódios baseados nos sentimentos, nos relacionamento que norteia Nina,

CRÍTICA / TEATRO / NINAS

Cláudia Ribeiro/Divulgação



Cyda Moreno lidera o elenco de ‘Ninas’

causa um impacto maior.

A direção artística de Édio Nunes na qual as atrizes têm um desempenho que, mesmo quando fazem o jogral, é um uníssono como se só houvesse uma delas

em cena. Além disso, apesar das particularidades de cada uma, o jogo de corpo, as entonações, a interpretação das canções permitem que as quatro atrizes exerçam a sua individualidade sem qual-

quer diferença no resultado final.

O espetáculo é um colar de pérolas idênticas, como aquelas que estão nos figurinos de Wanderley Nunes. A escolha dos ornamentos, casacos, vestidos, adereços vão além de retratar uma época ou caracterizar a personagem. O que as atrizes e o ator vestem são de uma beleza, um mergulho em uma época, um momento de transformação e transgressão. Ninas é mais do que uma biografia. É uma revelação de tempos e questões passados, denunciando a atualidade dos sofrimentos.

## SERVIÇO

NINAS

Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

Até 8/10, de sexta a domingo (19h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc) e gratuito (PCG)

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### A voz da mudança

A bailarina Izabel de Barros Stewart lança-se como atriz e dramaturga em “Solo da Cana” espetáculo em que reflete sobre um mundo desgastado e relações/afetos que precisam ser repensadas pela sociedade. A performance tem direção de João Saldanha e faz temporada em outubro no Espaço Abu. Bailarina com longos anos dedicados à dança, ela começou a colocar no papel seus questionamentos sobre uma sociedade que vem se deteriorando e que parece nada ter aprendido com a pandemia.

Yytoá Rodrigues/Divulgação



João Julio Mello/Divulgação



### De peito aberto

Enquanto o planeta fica cada vez mais quente, os oceanos sobem e se agitam, um casal no supermercado se questiona se deve ou não ter filhos. Esse simples questionamento causa uma reação em cadeia que não pode ser revertida. É o começo de uma conversa que vai de questões ambientais ao medo de se tornarem iguais aos seus próprios pais. Assim começa o espetáculo “Pulmões”, do premiado dramaturgo inglês Duncan Macmillan, em cartaz no Teatro Ipanema, com direção de Miwa Yanagizawa, a premiada diretora e atriz. No elenco, estão Giulia Grandis e Thiago Mello.

Divulgação



### Beetlejuice! Beetlejuice!

Um dos espíritos mais assustadores e divertidos de todos os tempos está de volta aos palcos cariocas, mais precisamente na Cidade das Artes. O personagem é o protagonista de “Beetlejuice, O Musical”, inspirado no clássico filme de Tim Burton, que, 30 anos depois, inspirou um musical da Broadway, em 2019, indicado a oito Tony Awards. Com direção de Tadeu Aguiar, produção de Renata Borges, 11 gigantescos cenários, mais de 150 figurinos e uma série de efeitos especiais, o espetáculo tem um super elenco de 26 atores tendo Eduardo Sterblitch no papel-título.

# Nobel de Literatura vai para Jon Fosse

Divulgação

Autor norueguês é reconhecido por suas obras de cunho existencial

Por Walter Porto (Folhapress)

**O** norueguês Jon Fosse, de 64 anos, venceu o prêmio Nobel de Literatura de 2023, segundo anunciou a Academia Sueca na manhã desta quinta-feira (5). O escritor é conhecido principalmente por suas mais de 40 peças, mas também por sua produção de obras infanto-juvenis, poemas e romances, um leque que está sendo ampliado no Brasil.

Um de seus livros, “É a Ales”, finalista do prêmio Booker Internacional, acaba de sair no Brasil pela Companhia das Letras, somando-se a “Melancolia”, já publicado pela Tordesilhas. A Fósforo está prestes a lançar outro, “Brancura”.

A obra de Fosse é marcada por personagens imersos em investigações existenciais líricas que perpassam tempo e espaço. O porta-voz da Academia Sueca citou o também nobelizado irlandês Samuel Beckett como um escritor próximo a ele e o saudou por “sua dramaturgia e prosa inovadora que dá voz ao indizível”.

Para se ter uma ideia da relevância de Fosse na Noruega, ele é o dramaturgo mais montado ali desde Henrik Ibsen - um dos pais do teatro moderno - e há uma década mora numa residência oficial concedida pelo rei



*Jon Fosse é conhecido por suas mais de 40 peças e obras infanto-juvenis, poemas e romances*

àqueles que contribuem com a arte e cultura norueguesa.

Um texto da revista americana Paris Review de oito anos atrás diz que, se os autores noruegueses fossem os Beatles, Karl Ove Knausgard seria Paul McCartney e Fosse, que foi professor de escrita criativa do primeiro, seria George Harrison, “o quieto, místico, espiritual, provavelmente o melhor artífice de todos eles”.

O primeiro romance de Fosse, “Raudt, Svart”, saiu em 1983, o pontapé inicial numa carreira que depois alcançaria mais de 50 idiomas.

Conforme avançou seu projeto literário, o autor se notabilizou por um estilo próprio de fluxo de consciência, perpassando os pensamentos e sensações de suas personagens num lirismo

de quilate incomum para prosa.

Desde 1901, a centenária Academia escandinava distribui esta que é considerada a maior distinção literária do mundo, já tendo laureado 120 pessoas, entre interrupções por guerras ou escândalos sexuais. O escolhido leva 10 milhões de coroas suecas, o que hoje equivale a cerca de R\$ 4,7 milhões.

Fosse é a quarta pessoa norueguesa a vencer o Nobel de Literatura - mas a última premiada, Sigrid Undset, recebeu o troféu há 95 anos.

Antes dela, vieram Knut Hamsun e Bjornstjerne Bjornson, o que faz sentido quando se lembra que o prêmio foi originalmente criado para propagar a cultura escandinava. Oito autores suecos, um finlandês e três dinamarqueses já ganharam

o Nobel.

Dentre todos esses vencedores, o prêmio já destacou 17 mulheres contra 103 homens, a mais recente sendo a francesa Annie Ernaux, no ano passado.

Foi o raro caso de uma escritora que já vinha angariando bom leitorado no país antes do prêmio, com obras como “O Lugar” e “O Acontecimento” - e ainda mais depois da vinda da escritora à Flip, logo depois, numa feliz coincidência para a festa literária paratiense.

A popularidade não era o caso dos autores que foram premiados logo antes, a poeta americana Louise Glück, que só veio ter sua obra bem editada no Brasil depois do Nobel, e o romancista tanzaniano Abdulrazak Gurnah, nunca publicado no país antes de vencer.

É rara a coincidência de um autor estar avançando sua publicação brasileira enquanto é premiado pelo Nobel, ainda que Fosse constasse entre os principais cotados pelas casas de apostas há pelo menos dez anos, ao lado de eternos lembrados como a chinesa Can Xue e o queniano Ngugi wa Thiong’o.

Mas o favoritismo normalmente não quer dizer muita coisa - o japonês Haruki Murakami que o diga.

Se o Nobel é capaz de catapultar a leitura de escritores no Brasil, como foi o caso de Svetlana Aleksievitch e Olga Tokarczuk, às vezes ele calha de premiar autores já bem conhecidos como Kazuo Ishiguro, vencedor de 2017, e - ainda mais - o compositor Bob Dylan, que ganhou um ano antes dele.

## Paulo-Roberto Andel

### Rick Davies e o Supertramp

Eu sou fã do Supertramp desde garoto. Fiquei louco da vida quando não pude ver a banda no Hollywood Rock de 1988. Estava em meio ao vestibular, matar ou morrer. Passei, felizmente.

O problema é que o Supertramp nunca mais voltou ao Rio, sequer ao Brasil. Nas últimas três décadas lançou apenas dois álbuns, “Some things never change” (1996) e “Slow motion” (2002). O grupo está recolhido, não faz shows, não lança álbuns e não dá qualquer indício em seu site oficial.

Não vou entrar aqui na briga entre Roger Hodgson e Rick Davies. Eu gosto do Supertramp e ponto. Uma banda que não deixou herdeiros, ninguém se parece com ela. Hits eternos como “Give a little bit”, “Goodbye stranger”, “My kind of Lady”, “Bloody well light”, “From now on”, “It’s raining again” e tantos outros êxitos. Quando Roger deixou o grupo, é claro que muitos fãs lamentaram, mas a vida seguiu, ele fez sua carreira solo e o Supertramp funcionou bem ao vivo com os vocais de Mark Hart, cantor do Crowded House. Ok, os puristas e cri-cris odiaram, mas qual a exata importância destes?

Há alguns anos, mais precisamente em 2015, prestes a iniciar uma turnê europeia, ela foi cancelada às vésperas porque Rick Davies foi diagnosticado com um mieloma múltiplo, aos 71 anos.

O tempo passou, as notícias eram escassas e a única coisa que achei no Google para me dar esperanças foi uma foto de Rick, acompanhando uma partida de futebol americano. Só.

Semana passada, pesquisando pelo YouTube me deparei com alguns vídeos de Rick Davies, tocando várias músicas do Supertramp com outros músicos, num local relativamente intimista.

Achei glorioso: Rick, atualmente com 79 anos e depois de superar um câncer, voltou aos palcos. O som continua inconfundível e a voz é a mesma. O Supertramp estava lá, ao menos na memória e nas canções.

Então fiz uma postagem no Facebook a respeito, e confesso que me decepcionei com a reação de alguns colegas. Houve quem dissesse algo como “Que coisa decadente! Tocando num palquinho, que triste fim de carreira!”, bem como outras sentenças parecidas.

Então me perguntei: de onde as pessoas tiraram que o artista consagrado só pode tocar em grandes arenas, sendo um ser inatingível?

Desde quando se apresentar em palcos alternativos é exclusivamente sinal de fracasso ou ostracismo?

Quantas vezes artistas mundialmente consagrados já tocaram em casas com público mínimo, por diversas razões?

E mais: a qualidade artística de um músico é definida pelos palcos em que toca? Parece improvável. Quantos e quantos músicos espetaculares são completamente desconhecidos do grande público? Outros não tocam sequer em palcos pequenos, mas se limitam a estúdios. E isso não lhes tira o talento.

É difícil dizer se o Supertramp voltará aos palcos um dia. Roger Hodgson continua fazendo turnês regulares. Ao que tudo indica, Rick Davies está recuperado. De tudo isso, certo mesmo é que um artista que já vendeu mais de 60 milhões de álbuns na carreira pode ser quase tudo, menos um fracassado. Procure nas rádios do mundo inteiro: sempre tem “The logical song” tocando em algum momento, só para lembrarmos que o Supertramp é eterno.

# O pestinha que não sai de moda



Cena do longa animado que o Animage exhibe neste sábado

Divulgação

Novas edições de HQs, livros ilustrados e audiolivros, além de uma premiada animação, dão nova vida ao Pequeno Nicolau

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**É** gibi, é livro infantil, é audiobook... basta escrever “Le Petit Nicolas” na Amazon Prime, ou a tradução aporuguesada, O Pequeno Nicolau, que chove atrações dos mais variados tipos, incluindo uma pâtisserie em São Paulo, na Alameda Lorena, cheia de guloseimas, que leva o nome do personagem. Neste sábado, lá no Recife, às 18h20, no Cinema da Fundação Derby, o festival Animage – que traz o crítico Júlio Cavani em sua curadoria – vai exibir “Le Petit Nicolas: Qu’Est-ce Qu’On Attend Pour Être Heureux?”, de Amandine Fredon e Benjamin Massoubre.

O filme marca o regresso às telas brasileiras do Menino Maluquinhos da Europa, só que, agora, não mais em live action, e, sim, numa animação com ecos documentais, laureada com o troféu Cristal do Festival de Annecy. A sessão pernambucana é um tributo à dupla de quadrinistas René Goscinny

(1926-1977) e Jean-Jacques Sempé (1932-2022).

Lançado em 29 de março de 1959, nas páginas do “Sud-Ouest Dimanche”, o pestinha do Velho Mundo tem arrebatado a atenção da cinefilia estrangeira com nova aventura. Ela recria o processo de criação do personagem e suas primeiras tramas, a partir de uma mistura de fato, imaginação e História. Ao mesmo tempo em que cria situações de divertidas para o herói mirim, a dupla de animadores explora como Goscinny Sempé elaboraram o moleque travesso. As narrações são feitas por Laurent Lafitte, Alain Chabat e Simon Faliu.

“Ensaíamos a utilização de uma técnica baseada em aquarela para homenagear a estética de Sempé, que foi o ilustrador infantil mais conhecido da França, em livros, a partir dos anos 1950”, disse Massoubre em entrevista ao Correio da Manhã, em Paris. “Ele preservou uma atualidade no espírito endiabrado de Nicolau apesar de as histórias se remeterem a uma França anterior à II Guerra”.

Nas livrarias brasileiras, a editora Martins Fontes anda enchendo prateleiras, desde 2019, com livros de Sempé. “O Pequeno Nicolau no Recreio” e “O Pequeno Nicolau e Seus Colegas” são os álbuns mais divertidos dessa safra. Diante da procura forte, o site da Martins colocou sob encomenda “As Novas Aventuras do Pequeno Nicolau”.

Na Europa, o site <https://www.librairielespetitsruisseaux.fr/> pôs à venda uma caixa (a 230 euros) com todas as publicações protagonizadas pelo guri. Lá saiu, faz pouco, o audiolivro “Six histoires inédites du Petit Nicolas”, também narrado por Chabat.

Mundialmente, o personagem conquistou um novo gás ao ganhar os holofotes da tela grande em 2009, com uma produção vista por 5.520.194 pagantes. Sua parte II, “Les Vacances Du Petit Nicolas” (2013), vendeu 2.373.199 ingressos. A mais recente de suas peripécias com atores de carne e osso, “Le trésor du petit Nicolas”, dirigida por Julien Rappeneau, foi lançada na França num azedo período comercial para exibidores, por conta dos sufocos provocados pela covid-19, e, mesmo assim, atraiu 519.512 espectadores às salas de exibição, comprovando o apelo popular de um moleque cuja traquinagem vende toneladas de livros.

ENTREVISTA / LAÍS BODANSKY, CINEASTA E PRESIDENTE DO JÚRI PREMIÈRE BRASIL

# 'Estou muito curiosa e acho que vai ser muito interessante'



Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**D**ois anos depois de ter conquistado o troféu Redentor de Melhor Direção no Festival do Rio (em empate com Anita Rocha da Silveira, coroada por "Medusa"), por "A Viagem de Pedro", a cineasta paulista Laís Bodanzky regressa ao evento, agora presidindo o júri da *Première Brasil*. Ao lado dela estão, a diretora de arte e cineasta Renata Pinheiro; a atriz e escritora Isabél Zuaa; a diretora artística da *Giornate Degli Autori*, Gaia Furrer; e o produtor João Vieira Jr. Essa turma tem a tarefa de analisar 16 curtas-metragens, 13 longas de ficção e sete longas documentais. Na entrevista a seguir, a diretora, revelada com "Bicho de Sete Cabeças" (2000), conversa com o *Correio da Manhã* sobre a dimensão política de sua tarefa.

**Qual é a relevância que a *Première Brasil* vem tendo na busca por novos veios estéticos?**

**Laís Bodanzky:** Entendo que é um grande jogo de espelho. Na hora que a curadoria do festival faz uma seleção de um cinema independente brasileiro de autor, naturalmente já vem um cinema investigativo, de busca, de caminhos estéticos, de narrativas. É sempre com uma assinatura e um discurso muitas vezes engajado e reflexivo. Consequentemente, o público recebe essa seleção e o júri reflete a partir dali. É muito interessante esse processo porque,

normalmente, o Festival do Rio é a primeira janela desse cinema no Brasil, quando não o é no mundo. É uma tradição que alguns filmes venham de sessões importantes em festivais fora do Brasil. Isso cria uma curiosidade muito grande para o público e para o júri que é o que vou viver agora nessa minha experiência. Estou muito curiosa e acho que vai ser muito interessante.

**Qual foi a relevância do evento na carreira de "A Viagem de Pedro", seu longa mais recente, que saiu de lá com o Redentor de Melhor Direção e prêmio de Melhor Ator Coadjuvante?**

Foi muito importante o filme ter passado pelo Festival do Rio e ter recebido os prêmios. Foi um ano difícil, ainda com o fim de pandemia, mas acho que, agora, o festival volta com sua força máxi-

ma. Naquele ano, não tínhamos convidados e existiam muitas restrições. Mesmo assim, o filme teve uma grande repercussão a partir do Festival do Rio, pela própria mídia que o evento atrai. Acho que o histórico do Festival é colocar ali um selo de qualidade e causar uma grande curiosidade. Vejo o Festival do Rio como um grande abre-alas para o lançamento. A estreia de "A Viagem de Pedro" veio nessa

onda das premiações. Para o Sérgio Laurentino, que ganhou na categoria Melhor Ator Coadjuvante, a vitória foi muito importante na carreira dele. Esse reconhecimento é forte. É importante para o filme, mas também para os artistas e técnicos envolvidos no filme. Estar em um festival com o do Rio e ser reconhecido numa premiação faz uma grande diferença.

**Estamos numa luta por aumento de cota de tela e de resgate do público. O que eventos como a *Première Brasil* e a *Mostra de São Paulo* (que inaugura sua edição n. 47 no dia 19) podem agregar nessa luta? E como você vê o engajamento de nosso cinema nessa peleja por visibilidade?**

Os festivais, de uma forma geral, foram e continuam sendo esse pilar importante nesse momento de grande crise que o cinema passou na pandemia e essa demora em sua retomada. Boa parte tem a ver com a nossa falta de política cinematográfica, que é a dificuldade que a gente tem de manter os filmes em cartaz no meio de tantas produções de grandes estúdios, e da produção autoral de outros países. Os festivais cumprem essa função de ventilar, de colocar um holofote nessa nossa produção independente tão importante. De certa forma, recupera essa brincadeira do glamour. Nos festivais, você tem a chance de encontrar o autor do filme, cineastas, a equipe, elenco. É sempre importante estar perto nos debates. Cria um ambiente efervescente. Acredito que isso contribui para chamar atenção do público para que ele tenha esse desejo da volta. Esse desejo vem acontecendo. Tá acontecendo de forma mais lenta do que eu acho que a gente queria, e desejava, mas vem acontecendo.





Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**N**um horizonte de forte reconhecimento internacional para o cinema italiano, com o êxito de “Io Capitano” (de Matteo Garrone) e de “Il Sol Dell’Avvenire” (de Nanni Moretti), a jovem diretora Laura Samani, nascida em Trieste há 33 anos, é quem mais vem chamando a atenção dos olheiros das principais mostras de cinema do mundo. Em julho de 2021, ela brilhou na Semana da Crítica de Cannes com uma joia que faz jus à tradição de glória do audiovisual italiano: “O Pequeno Corpo” (“Piccolo Corpo”), que estreia na grade do Festival do Rio neste domingo. Tem sessão dele no dia 8, no Kinoplex São Luiz, 14h, com repeteco no dia 10, às 17h, no Estação NET Gávea.

É difícil não pensar em Roberto Rossellini... e, sobretudo, no Ermanno Olmi de “A Árvore dos Tamancos” (Palma de Ouro de 1978) diante dos planos idealizados por Laura, investindo no realismo para (paradoxalmente) dar sustância a uma fábula.

“Temos uma realidade de produção muito variada na Itália hoje, uma vez que não existe um status quo de filmagem organizado entre os diretores, com cada um a seguir seu próprio caminho, livremente, sem o pertencimento a uma noção de grupo. Mas existe, sim, o peso da égide neorrealista sobre nós, uma cobrança em relação à grandiosidade do eu fizemos no passado”, disse Laura ao Correio da Manhã, lembrando do diretor de “Accatone – Desajuste Social” (1961) entre suas referências, na construção de uma linguagem própria, de afirmação das lutas identitárias femininas. “Pasolini é muito importante para que a reconstrução do passado que faço não fique presa no tempo histórico, criando uma analogia



A jovem Agata luta para dar paz ao filho morto em ‘Pequeno Corpo’, de Laura Samani

# Sagrada seja a autoralidade

‘O Pequeno Corpo’ consagra Laura Samani como uma das vozes mais inquietas do cinema italiano na atualidade



com o que nós vivemos hoje. Tem algo dos irmãos Grimm, só que à luz natural”.

Seu filme viaja no Tempo, até a Itália de 1900. Lá, o bebê da jovem

Agata (Celeste Cescutti) é nascido morto e condenado ao Limbo, sem receber as unções cristãs. Agata ouve falar de um lugar nas montanhas onde crianças natimortas po-

dem ser trazidas de volta à vida com apenas um sopro, para batizá-los e salvar sua alma. Ela empreende uma viagem com o pequeno corpo de sua filha escondido em uma caixa e encontra Linx, um menino solitário que se oferece para ajudá-la. Eles partem para uma aventura que permitirá a ambos se aproximarem de um milagre.

“Não é um filme religioso, sobre práticas místicas. O milagre que me interessa aqui não é a manifestação do Sagrado e, sim, a ideia de Bem, que possa ser comum a homens e mulheres, ainda que eu tente quebrar com o ranço machista histórico de patriarcado da Itália”, disse Laura. “Existe aqui um lugar para o extraordinário”

No roteiro escrito pela diretora, em parceria com Marco Borromei e Elisa Dondi, temos um painel dos conflitos sociais de uma Europa que viria a vivenciar duas grandes guerras. Fotografado por Mitja Licen, o longa-metragem é uma delicada cartografia de afetos fraturados pela pobreza e pela fé, numa ode ao poder da maternidade.

A partir da década de 1980, o cinema que serviu de berço para Laura viveu uma espécie de Idade

Média midiática, em que Silvio Berlusconi, no comando parlamentar daquele país, sucateou a produção audiovisual local, a fim de valorizar mais a TV do que a telona. Uma terra de gigantes (Rossellini, De Sica, Fellini, Visconti, Antonioni, Pietro Germi, Pier Paolo Pasolini, Elio Petri, Lina Wertmüller, Valerio Zurlini, Liliana Cavani), próspera na seara dos filmes de gênero seja no terror (com o giallo de Dario Argento), no faroeste (com as macarronadas de Sergio Leone, Tonino Valerii e Sergio Corbucci) e nos épicos de gladiador (o Peplum), mingou por um bom tempo, de 1984 a 2008, vendo suas fontes de fomento à produção cinematográfica escassearem. Até campeões de bilheteria como Carlo Pedersoli e Mario Girotti (conhecidos como Bud Spencer e Terence Hill) deixaram de fazer os longas da franquia “Trinity”, sob a guilhotina de Berlusconi, restando visibilidade a poucos cineastas. Giuseppe Tornatore (com “Cinema Paradiso”) e Roberto Benigni (com “A Vida É Bela”) souberam bem flertar com as receitas da Academia de Artes e Ciências de Hollywood. Resistentes do movimento moderno também se mantiveram firme, como o finado Bernardo Bertolucci, que foi fazer uma incursão pelo Oriente e filmar em outras línguas, e o até hoje imparável Marco Bellocchio, que lança na semana que vem, entre nós, seu enervante “O Traidor” (2019). Mas esses dois são crias dos anos 1960. Além deles, em 1972, surgiu Nanni Moretti, que ganhou a Palma de Ouro em 2001 com “O Quarto do Filho” e tem filme novo na praça, o já citado “Il Sol Dell’Avvenire”.

“Pertencço a uma nação com uma polifonia criativa”, diz Laura, que terá mais uma projeção de “O Pequeno Corpo” no dia 14, às 21h45, no NET Gávea. “O filme que fiz é uma forma de trilharmos um novo caminho”.

Entre os destaques da leva italiana do Festival do Rio, vale destaque “Dias Felizes” (“Giorni Felici”), de Simone Petralia, com Franco Nero (o eterno Django), que passa pela primeira vez na segunda, no dia 9, Kinoplex São Luiz.

Divulgação

Divulgação

# Réquiem para Carlos Saura

A cinefilia confere neste sábado o derradeiro longa do espanhol, que mapeia as artes visuais na História

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã



**G**anhador do Urso de Ouro de 1981 com “Depressa, Depressa”, além de 63 outras láureas, com direito a indicação ao Oscar, o artesão autoral aragonês Carlos Saura (1932-2023) morreu no dia 10 de fevereiro, aos 91 anos, deixando projetos inacabados (longas sobre a vida de Bach e de Picasso) e um documentário inédito, “As Paredes Falam” (“Las Paredes Hablan”), que o Festival do Rio vai exibir neste sábado (7).

A sessão – às 14h do Kinoplex São Luizno Catete – será um tributo póstumo ao cineasta espanhol.

Dono de uma obra que encantou o planeta, com destaque para “Cria Cuervos” (Grande Prêmio do Júri em Cannes, em 1976), Saura não parava de trabalhar. Em 2021 abriu o Festival de San Sebastián, em seu país natal, com o curta-metragem “Rosa Rosae. La Guerra Civil” (hoje na grade da plataforma MUBI) e ainda levou ao Festival do Cairo, no Egito, o arrebatador longa “El Rey De Todo El Mundo”, misturando dança e cinema, em



Doc. sobre o mundo da arte, ‘As Paredes Falam’ é a obra derradeira do mestre espanhol

forma de musical. Mas a produção exibida na segunda em Berlim pode ser definido como seu filme mais inspirado de 2000 pra cá, sem medo.

Trata-se de um .doc de 75 minutos sobre o mundo da arte, retratando a relação entre a criação pictórica (pintura, grafite, desenho) e o espaço do muro (ou da pedra, no caso das cavernas) como tela. Por isso, flana das primeiras expressões gráficas na pré-História até as van-

guardas, dando um pulo até as inquietas manifestações poéticas das periferias contemporâneas. Ele dirige e “atua”, participando da narrativa como um investigador. O filme foi rodado em 14 locais, como as grutas de Puente Viesgo e Altamira, na Cantábria, com uma passada pelo sítio arqueológico Atapuerca, em Burgos. Saura não se esqueceu das ruas coloridas de Barcelona, nem dos bairros grafitados de Madri.

No último dia 7, a Editora Tau-

rus lançou na Península Ibérica um livro com as memórias do diretor: “De Imágenes También Se Vive”. Ele morreu deixando o texto quase acabado, fazendo um retrospecto da Europa que clamou por um cinema moderno a partir do fim dos anos 1950.

Vai ter mais um par de sessões de “As Paredes Falam” na terça (10/12), às 21h15, no Estação NET Gávea, e no sábado, dia 14, às 16h15, no Estação NET Rio.

## DICAS IMPERDÍVEIS PARA O FIM DE SEMANA

**A SOCIEDADE DA NEVE (“La Sociedad de la Nieve”), de J. A. Bayona (Espanha):** Realizador de “O Impossível” (2012), sobre tsunamis na Tailândia, e da série Amazon Prime “O Senhor dos Anéis: Os Anéis do Poder” (2022), Bayona foi ovacionado no Festival de San Sebastián pela forma tecnicamente exuberante (e assustadora) como revive um episódio desastroso para a aviação civil da América Latina. A trama recria a queda de um avião com a seleção de rúgbi do Uruguai na Cordilheira dos Andes em 1972. Se a Netflix, dona do longa, investir devidamente em sua carreira na temporada de premiações do fim deste ano e início do ano que vem, tem fortes chances de conquistar a estatueta da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood para o cinema espanhol. Onde ver: Estação NET Botafogo, hoje (dia 6), às 21h15



**A Sociedade da Neve**



**De Volta à Córsega**

**MULHERES RADICAIS, de Isabel De Luca e Isabel Nascimento Silva:** Entre 2017 e 2018, uma exposição histórica reuniu 120 artistas plásticas latino-americanas que produziram trabalhos seminais entre os anos 1960 e 1980. A mostra, que dá nome ao filme, revelou, em sua maioria, nomes que passaram a ser reconhecidos e celebrados pela primeira vez. Onze artistas aceitaram participar de encontros inéditos promovidos pelo documentário em Nova York e São Paulo, enquanto a exposição — fruto de pesquisa que durou quase uma década — abria um novo capítulo na história da arte do século XX. Onde ver: Estação NET Gávea 2, domingo (dia 8), às 19h

**DE VOLTA À CÓRSEGA (“Le Retour”), de Catherine Corsini (França):** Perfumado com o aroma do melodrama, o novo longa da diretora de “A Fratura” (2021) narra o regresso de Khédidja (Aïssatou Diallo Sagna), com suas duas filhas, à terra de onde, um dia, teve de fugir. Uma série de conflitos a aguardam, com direito a um painel de sororidades. Onde ver: Reserva Cultural 1, sábado (dia 7), às 21h.



**Mulheres Radicais**

# Leituras de um mundo **sem rumo**

Coletivo Pressão de Borda apresenta exposição na Galeria Paulo Branquinho

**A** exposição “Notícias à boca miúda de um Mundo sem rumo” propõe o objeto de arte de pequeno formato como reação à (doentia) exteriorização da vida que levamos ? além de práticas artísticas e assuntos cuja disparidade é indicativa de uma crise cultural sem precedentes.

Da figuração à abstração em maiores ou menores graus, trata-se de sete episódios envolvendo uma teoria geral da atualidade: a feminilização do poder; a inclasificabilidade do gênero; a dessegregação de genealogias não-brancas; a grandeza dos não-humanos; disrupção ambiental e sistêmica; a neoromantização da paisagem; entropia psíquica e anomia social.

Reunindo 28 artistas com formação na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio, o coletivo Pressão de Borda é formado por Beth Ferrante, Capilé, Carlos Formiga, Carol London, Daniela Barreto, Elaine Moraes, Fellipe Caetano, Graça Pizá, Ivo Minoni, Jack Motta, Jaques Z, Jeni Vaitsman, Julia Garcia, Katia Politzer, Luiz Eduardo Rayol, Magali Lobosco, Mônica A. Barreto, Nando Paulino, Nildete Gomes, Nora Sari, Not a



Doctor, Rafael Avancini, Regina Dantas, Reitchel Komch, Sandra Sartori, Solange Jansen, Tathiana Santiago e Verônica Camisão.

## SERVIÇO

NOTÍCIAS À BOCA MIÚDA DE UM MUNDO SEM RUMO

Galeria Paulo Branquinho (Rua Moraes e Vale, 8 - Lapa)

De 7/10 a 4/11, de terça a sexta (14h às 19h) e sábados (16h às 20h) | Entrada franca



Com curadoria do Coletivo Pressão de Borda, a exposição ‘Notícias à Boca Miúda de um Mundo Sem Rumo’ reúne obras de 28 artistas



Divulgação



L'ECLAIR SHOP

Divulgação



JULIETA RESTAURANTE

# É Bomba!

Veja um roteiro de onde comer a deliciosa éclair no Rio

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants\_to\_love)**  
Especial para o Correio da Manhã

**A** éclair, doce francês de formato alongado e diversos tipos de recheio, vem ganhando cada vez mais o paladar do carioca. Sua tradução significa relâmpago, mas aqui no Brasil é conhecida também como “bomba”, pelo fato de que, quando se dá a primeira mordida, o doce “explode” na boca. Com massa leve e sabores irresistíveis, as éclairs já ganharam até lojas especializadas. Se você também é um apaixonado pela sobremesa francesa, não deixe de conferir o roteiro que o Correio da Manhã preparou para você:

Gabriel Ávila/Divulgação



ARTESANOS BAKERY

Divulgação



ECLAIR CAFETERIA E BISTRÔ

Divulgação



FRÉDÉRIC EPICERIE

**ARTESANOS BAKERY** – A padaria, com produtos de fermentação natural, também oferece as éclairs em seu cardápio. Entre as opções estão: a éclair feita com massa recheada e creme de pistache da casa (R\$ 25); a éclair com massa recheada de creme de baunilha e cobertura de ganache de chocolate branco (R\$ 20) e a éclair com massa recheada de creme de chocolate belga (R\$ 20). Avenida Genaro de Carvalho, 1435 – Recreio. Telefone/WhatsApp: (21) 96691-0169.

**ÉCLAIR CAFETERIA E BISTRÔ** – A cafeteria francesa acaba de expandir sua loja no BarraShopping. No cardápio, além de opções pratos, não faltam sugestões de éclairs. Na parte salgada, a éclair ganha novas roupagens com o sabor de camarão ao molho de requeijão Catupiry (R\$ 22); frango com alho poró e requeijão Catupiry (R\$ 18). Já na ala doce, há uma infinidade de sabores: banoffee (R\$ 11 – mini; R\$ 22 – grande); café (R\$ 9 – mini; R\$ 18 – grande); chocolate (R\$ 9 – mini; R\$ 18 – grande); doce de leite (R\$ 9 – mini; R\$ 18 – grande); frutas vermelhas e amêndoas caramelizadas (R\$ 11 – mini; R\$ 22 – grande) entre outros. BarraShopping – Av. das Américas, 4666 - Loja 141. Tél: (21) 3556-9808.



TALHO CAPIXABA

Rodrigo Azevedo/Divulgação

**JULIETA RESTAURANTE** – No tradicional restaurante, localizado dentro da Casa Julieta de Serpa, o comensal pode encontrar no cardápio a clássica éclair (R\$ 48). Ela é preparada com creme pâtisserie de chocolate e cobertura de chocolate. Praia do Flamengo, 340 – Flamengo. Tel: (21) 2551-1278.

**L'ECLAIR SHOP** – A casa, especializada em éclair, tem uma infinidade de sabores em seu cardápio. O cliente tem a opção de montar caixas com os diferentes recheios e tamanhos. Entre as opções estão: as mini éclair (R\$ 108 – 12 unidades); as originais (R\$ 80 – 5 unidades) e as salgadas (R\$ 72 – 4 unidades). Rua Visconde de Pirajá, 540 – loja 107 – Ipanema. Tel: (21) 98560-3456.

**FRÉDÉRIC EPICERIE** – A casa do chef Fred Maeyer não poderia deixar de ter em seu menu as famosas éclairs. Entre as sugestões oferecidas estão: a de chocolate belga (R\$ 18), além das versões mini nos sabores de pistache (R\$ 15) e limão siciliano (R\$ 12). Rua Gustavo Sampaio, 802-Leme. Tél: (21) 2146-9691.

**TALHO CAPIXABA** – Na tradicional padaria, o cliente pode encontrar o doce francês nas versões com recheio cremoso e massa choux, em três sabores: chocolate, creme e café (R\$ 17,50). Avenida Ataulfo De Paiva, 1022 – Leblon. Tel: (21) 2512-8760.

## Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra  
uma liderança imbatível de mercado tem que  
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une  
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



**PROTEL**

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.